

Colóquio Internacional

Sociedades, mobilidades, deslocamentos : Os territórios da espera de ontem à hoje O caso dos mundos americanos (séculos XIX - XX)

Universidade de La Rochelle, 9-11 de dezembro de 2014

Chamada de trabalhos

Os fenômenos de mobilidade e deslocamento se afirmam como características essenciais das nossas sociedades contemporâneas. Para tanto, longe de serem fluidos, homogêneos ou lineares, estes deslocamentos são pontuados de tempos, mais ou menos longos, da espera. Tendo por origens razões técnicas, administrativas ou políticas, tais momentos encontram bem frequentemente uma tradução espacial: territórios acolhem estas sociedades em espera.

Este Colóquio, que vem a encerrar o projeto ANR TERRIAT « Sociedades, mobilidades, deslocamentos : os territórios da espera » (2011-2014), deseja examinar estes territórios da espera e a multiplicidade de formas que assumem, estabelecer as suas dimensões, compreender seus estatutos jurídicos, suas articulações com o espaço circundante, suas temporalidades específicas, assim como a variedade de interpretações econômicas e sociais que se desenrolam.

Para tal investigação, os mundos americanos, nascidos do deslocamento (voluntário ou forçado) de populações de origens diversas que deixaram a sua marca nos territórios de que se apropriaram, se oferecem como um terreno de estudo particularmente adaptado. Durante muito tempo terra de refúgio para perseguidos de todas as confissões e depois Eldorado sonhado para milhões de imigrantes, o continente americano é, ainda hoje, o teatro de numerosos deslocamentos humanos : migrantes deixando (ou fugindo) os campos para as cidades tentaculares, clandestinos que cruzam os muros do medo, refugiados climáticos aglomerados dos campos de seca ou instalações precárias (como após o Katrina). Esses deslocamentos, qualquer que seja sua origem, provocaram tempos da espera, dando igualmente a origem de espaços específicos ou aos territórios inesperados (hotéis de imigrantes, convés de navios, porto de chegada no Novo Mundo, os campos de sem-terra ou da seca, as favelas ...). Hoje, assim como em muitas partes do mundo, o continente americano conhece novos

fenômenos de mobilidade e de deslocamento que provocam outros territórios da espera, dos quais convém, também, mensurar e definir suas especificidades. Próximo das fronteiras, onde os *dispositivos* impedem a travessia dos clandestinos (muros, arames farpados, zonas de espera nos aeroportos), nas imensas metrópoles nascidas das novas e gigantescas ondas de imigrações urbanas, impõem-se novas formas espaciais da espera, como as autoestradas urbanas engarrafadas, onde uma verdadeira economia da espera ganha forma (com os vendedores de rua com suas bebidas e alimentos oferecidos aos condutores em engarrafamento)...

Os estudos inspirados nas *Mobilites Turn*, por sua vez, não são suficientes para a compreensão do fato de que a espera pode ser « um estado da mobilidade ». Com base na abordagem do « excepcional normal », experimentado pela *micro-história*, ou seja, que a exceção fornece informações frente o padrão, a ambição declarada aqui é que a análise da espera nos informa sobre o movimento. No entanto, nossa proposta seria incompleta se atrás dessa questão, não se colocasse em perspectiva a relação deste fenômeno com seu « território ». Em todo caso, a escolha deste termo aparece plenamente justificável, embora deva-se igualmente definir o que existe no território e o que é um « território da espera ». Embora seja relativamente fácil de identificar os « lugares da espera », dispositivos arquitetônicos planejados que colocam em espera temporária as pessoas em deslocamento (campos de refugiados ou de imigrantes, centros de detenção, asilos...), colocar em evidência os « territórios da espera » é mais complexo, uma vez que este é tido como um espaço transformado e moldado, temporariamente, para acolher ou regular uma situação da espera, mesmo que este último tenha sido pouco, e até não, compreendido pelos próprios atores. A espera deve, assim, tornar-se um prisma que permite questionar e testar o território.

Este Colóquio Internacional tem como objetivo continuar o trabalho iniciado há quase quatro anos pelo projeto ANR TERRIAT (<http://terriat.hypotheses.org/>), e, especialmente, estabelecer oportunidades de ampliar as discussões entre os pesquisadores do projeto ao acolher professores, pesquisadores, doutores e doutorandos interessados nestas problemáticas e interessados em fornecer debates (*insights*) para novas reflexões em torno dos seguintes temas:

1. Esperas e Territórios da espera : definições e interações

Entre a espera constatada pelo pesquisador e a espera vivida pelos atores, como então podemos interrogar a espera ou as esperas? Como a singularidade da composição espaço-tempo de espera

é experimentada pelos atores? Nomeiam eles estes momentos? E, se os nomeiam, como os chamam? Em contra partida, se eles não nomeiam, pode-se observar um comportamento social e espacial diferente do usual? Aqui, o desafio é entender a transição de um nível ao outro, ou seja, da espera constatada as esperas vividas (e às vezes não necessariamente percebida como tais), e interrogar suas interações com o espaço para dar forma aos territórios da espera.

2. Práticas sociais e interpretações espaciais entre os territórios da espera

O objetivo aqui é refletir sobre o ordinário, os dias e/ou as horas num território da espera : quais atividades sociais ou econômicas nascem nesses lugares confinados onde experimenta-se um « tempo elástico »? Entre a prostituição e a venda ambulante, faz-se importante descrever e compreender as formas espaciais da « débrouillardise » (*getting by / jeitinho*). É também o momento de se medir a ociosidade social. Como vive e organiza administrativamente esta ociosidade? Quais são os dispositivos técnicos e as regras que permitem ou enquadram a espera sobre esses territórios?

3. As identidades sociais e culturais experimentadas nos territórios da espera

Uma importante parte desta investigação centra-se no estudo das mudanças sociais e culturais que ocorrem nesses territórios da espera. Apesar do sentimento de incerteza prevalecendo, as novas identidades podem, portanto, tomar forma nestes territórios, este que nos remete em questão à uma comparação evocada com os « não-lugares ». Estas identidades não apagam necessariamente as identidades anteriores, pois é justamente o contrário, elas tornam-se um recurso adicional nos quais os indivíduos, em função de suas necessidades e de estratégias sociais, a definem para enfrentar o tempo de incertezas. Será, portanto, necessário descrever a variedade de identidades que nascem da partilha da espera num espaço confinado, por indivíduos que não necessariamente se conhecem, mas se encontram de repente ligados por um destino comum.

4. Memória, patrimônio e museificação dos territórios da espera

Estes territórios da espera induzem, frequentemente, à uma reformulação dos questionamentos individual e social do tempo, assim como as novas definições de identidades o que se coloca em questão é qual o sentido dado à memória (individual e social) nos lugares e nos territórios da espera? Como estas memórias são integradas nos projetos de museificação - como, por exemplo, pelos hotéis de imigrantes? Como, ao contrário, a museificação ou o patrimonialização da espera utiliza as construções das identidades pessoais e coletivas?

As propostas de comunicação (**máximo de 2 páginas**) deverão ser endereçadas até **15 de maio de 2014**.

Serão aceitas propostas escritas em francês, inglês, espanhol e português. Os autores devem, igualmente, anexar (sobre a mesmo documento) um *curriculum vitae*. Este deverá apresentar uma curta apresentação de suas pesquisas (máximo de 1 página).

O Conselho Científico se reunirá no início de junho para examinar as propostas e **as cartas de aceite serão enviadas até 15 de junho de 2014**.

Os autores das comunicações aceitas serão convidados a **apresentar seus textos** sobre o qual se baseará sua apresentação até **30 de outubro de 2014**.

As propostas de comunicação deverão ser enviadas aos seguintes e-mails :

Laurent Vida : laurent.vidal@univ-lr.fr

Grégory Bériet : berietg@gmail.com

Alain Musset : alain.musset@ehess.fr

Dominique Vidal : dominique.vidal@univ-paris-diderot.fr

Organização : Laurent Vidal, Alain Musset, Grégory Bériet, Dominique Vidal

Conselho Científico :

- Yves Bergeron (História, UQAM – Canada)
- Grégory Bériet (História, Univ. de Guyane)
- Maria Isabel de Jesus Chrysostomo (Geografia, UFV – Brasil)
- Fraya Frehse (Sociologia, USP – Brasil)
- Paulo César da Costa Gomes (Geografia, UFRJ, Brasil)
- Nancy Green (História, EHESS)
- Alain Musset (Geografia, EHESS)
- Didier Poton (História, Univ. de La Rochelle)
- Dominique Vidal (Sociologia, Univ. de Paris VII)
- Laurent Vidal (História, Univ. de La Rochelle)